

# COMMERCIO DO MINHO

4.º ANNO 1876

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 452

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

**PUBLICA-SE**

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs. e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte, ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

**BRAGA—TERÇA-FEIRA 1 DE FEVEREIRO**

Madrid, 29 de janeiro.

(Correspondencia particular do «Commercio do Minho»)

Em meus telegrammas communiquei o rompimento das hostilidades, e os movimentos cuja noticia aqui pude obter de fonte menos insuspeita. Digo menos insuspeita, porque sendo as unicas noticias que podíamos ter em Madrid, por via telegrafica, de origem liberal, e sendo as noticias que o governo manda publicar umas vezes falsas outras tão exageradas, que completamente se desfiguram, mal audaria se me guiasse unicamente pela voz publica, pelos jornaes ou pelas agencias.

D'este modo me refico ou a noticias officiaes que posso obter de conducto seguro, ou a cartas minhas ou de amigos, de origem fidedigna, d'onde faço os convenientes extractos.

Nos ultimos dias vimos em acção o grande plano tão fallado ha meses. Com tão grande exito como teem os liberaes e com tantos recursos, não será nunca para admirar que obtenham uma ou outra vantagem mais ou menos real, mais ou menos importante. Os carlistas além d'isto occupando muitos pontos com as suas avançadas, que não são consideradas como linhas de defesa, mas unicamente como atalaías, quando atacados por forças mais consideraveis teem por sistema faserem-se fortes nas suas posições fortificadas em fórma. D'aqui vem que os liberaes quando os carlistas depois do costumeado tiro-teio nas avançadas retiraram para as suas posições, cantam grande victoria dando ao facto a importancia de um grande feito de armas, quando elle não passa de uma evolução militar, que em nada influe na situação das forças carlistas nem em prejuizo das suas linhas de defesa. Todos sabem que á proporção que os liberaes deixam livre um palmo de terreno, se despregam das posições pequenas forças que vão incommodar o inimigo até ás povoações onde se alojam. A sua retirada para os pontos de defesa é portanto uma medida de prudencia e não uma derrota.

E' necessario ter isto bem presente para se não dar importancia ás noticias de origem liberal, publicadas para faser effeito no espirito dos que não conhecem o terreno nem a importancia dos pontos atacados. Para se conhecer bem o valor de um feito de armas é necessario saber-se a importancia do ataque e das suas consequencias.

De S. Sebastião communicou o general em chefe do primeiro corpo da esquerda ao ministro da guerra que as forças liberaes haviam praticado um ataque geral ás linhas carlistas da Guipuzcoa, tomando-lhes as posições que elles occupavam na estrada de Hernani a S. Sebastião; hontem accrescentaram a esta noticia a tomada de alguns prisioneiros e armas.

Por pessoas chegadas hoje de S. Sebastião me foi dito que o caso se passou de modo diverso.

Os carlistas fiseram um fogo tão violento sobre S. Sebastião, que grande parte das familias e algumas auctoridades se viram na necessidade de se retirarem.

Como o fogo sobre Hernani abrandára nos ultimos dias foi escolhido aquelle ponto para se dirigirem entre outros o general Moriones.

Tal situação obrigou o general a emprehender desde já o movimento com o fim de livrar a estrada, e apagar alguns dos fogos que mais damno estavam causando á cidade.

Assim se procedeu, rompendo o fogo com duas peças de 15 situadas em Hernani

contra a bateria carlista de Antonea, estendendo-se em todos os pontos possiveis grandes forças para atacarem as trincheiras em que estavam forças carlistas no sitio chamado Piticar, e que dominavam a estrada. Estas trincheiras eram occupadas por algumas companhias de castelhanos, que sustentaram ainda assim muito tempo o fogo até que foram mandadas atirar para as posições fortificadas. Abandonadas assim aquellas trincheiras caíram os liberaes o seu triunfo, e cuidaram que o mesmo seria retirarem-se aquellas companhias que atacar os pontos fortes e faser os abandonar pelas tropas fieis. Mandou portanto Moriones accommetter á uma diversas posições, que fiseram retroceder os affonsinos com grandes perdas, semeando a desanimação nos pobres soldados, que não conhecedores ainda das ballas e das bayonetas carlistas cuidavam que chegariam e venceriam.

Assim frustrada a tentativa com consideraveis prejuizos para o exercito liberal, cresceu o fogo sobre Hernani, sendo lançadas algumas bombas incendiarias, que destruíram uma parte da povoação por completo. Moriones retirou portanto para S. Sebastião, pois que não tendo sido tão feliz como imaginava, recebera noticia de que a posição de Guetaria se achava seriamente comprometida.

Esta participacão fóra-lhe enviada por Mariné com signaes praticados com bandeiras do castello da referida povoação, de San Antão.

Immediatamente o general affonsino mandou embarcar 1:300 homens em dois vapores para irem em auxilio de Guetaria, commandados pelo general Cuadros. Chegados alli de noite, não poderam desembarcar senão 800 homens, pondo-se em marcha sob o mando de Mariné a forçar a posição de Garate, o que conseguiram, segundo se affirma.

Sobre este particular correm diferentes versões. Disem uns que os carlistas tinham abandonado d'essa tarde aquella posição para irem occupar outra de mais vantagem com artilheria nova que haviam recebido, alargando e reforçando as suas linhas com mais dois batalhões; outros disem que surpreendidos de noite pelo inesperado ataque, sustentaram o fogo em quanto retiravam a sua artilheria, deixando em poder do inimigo apenas um obuz que não foi possível conduzir.

Como quer que seja parece certo que Garate foi occupado pelas forças liberaes, o que não muda todavia a situação dos carlistas em redor de Guetaria, pois que Garate está entre outras posições que dominam esta, e d'essas posições os vivos fogos contra Guetaria seguem sem interrupção.

Reduz-se pois a bem pouco o resultado da primeira operação do infeliz general Moriones. Se n'isto está o grande plano, desgraçado plano e desgraçados liberaes.

E não foi só aqui, que surgiu o grande plano. Na linha de Biscaya tambem o general Loma, o desgraçado general Loma, teve uma lição bastante sensível.

Pretendendo assenhorear-se de Valmaseda emprehendeu um ataque em diversos pontos da linha, ao mesmo tempo que com a sua artilheria jogava sobre a povoação.

Os carlistas sustiveram por muito tempo o fogo a pé firme nas suas trincheiras. O entusiasmo dos voluntarios porém foi impossível de conter, porque em altas vozes pediam o ataque á bayoneta.— Os commandantes carlistas aproveitando tão favoravel disposição, n'um momento opportuno ordenaram a carga. Os liberaes, no primeiro choque cederam terreno; porém voltaram a sustentar-se tendo de retirar os carlistas até as suas trincheiras; tornando porém novamente a avançar, foi tal o impeto, foi tão grande o denodo

dos nossos voluntarios, que as forças liberaes atravessando em desordem o valle de Llantero, foram levados adiante das nossas bayonetas até ao monte de San Miguel, deixando grande numero de prisioneiros, armas, munições e o campo juncado de feridos e cadaveres.

Os carlistas, rompendo por esta fórma a linha liberal tomaram as importantes posições de Berron, assenhoreando-se assim de uma area muito mais extensa, onde as suas operações difficultrarão grandemente os movimentos liberaes por aquelle lado.

Em Puente la Reina tambem conseguiram os carlistas franquear Sierra e atacar os liberaes, que responderam aos seus fogos e soffreram grandes desastres. Emquanto isto se dava o 8.º batalhão Navarro collocado em frente da povoação provocava o combate, que se empenhou, e continuava ainda.

Em frente de Pamplona, Irurzun e povoações immediatas collocaram-se o 1.º batalhão de Castella; o 7.º Navarro em Irise e Saraza, o 5.º em Orcaín e o 10.º em Agoiz e Burguete.

Em todos estes pontos se fazem novas fortificações, multiplicando assim as linhas de defesa.

Tambem se está fortificando a Ermida de Santa Lucia e o monte de Dos Hermanas.

Acham-se concluidas as fortificações de Monte Jurra; em um subterraneo aberto n'um baixo estabeleceu-se um grande deposito de munições, á esquerda de Irache.

Em Estella tem tocado todos os limites do engenho e da arte militar as fortificações feitas. Agora estabeleceu-se nas planicies de todas as circumvisinhanças, onde seria possível operar a cavallaria uma grande serie de pranchas de madeira crivadas de pequenas lanças de ferro que formam como um ouriço compacto, e que fortemente adherentes á terra tornam impossível a passagem, de gente até, por aquelles pontos.

Em frente ao reducto liberal de Cáceres tambem se edificou um forte reducto blindado, tendo a coberto os seus fogos, com caminhos secretos, elevando a linha de ameias com grandes escarpas, o que faz que sejam melhor dominadas as pontarias.

Em toda a extensão das linhas ha grandes fossos em todas as direcções.

Os liberaes começam a não occultar a importancia que vae tomando a organisação do novo exercito carlista do Centro. Cuccala e Marco de Bello teem conseguido reunir grandes forças. Estas forças teem já em seu poder grande numero de armamentos.

Consta que por denuncia feita por seus conductores as auctoridades de Valencia fizeram uma tomada de uns poucos de fardos com fazendas de lã que eram destinadas aos uniformes dos novos voluntarios.

Mais um acto de cobardia e malvadez acaba de praticar o exercito liberal.

Proximos de Pamplona no sitio chamado Berrio Plano constou que andava uma guerrilha carlista, commandada por D. Rafael Delgado. O general das forças liberaes, tendo conhecimento d'isto mandou uma força para a perseguir. Esta força embuscando-se esperou a guerrilha que ia a entrar no povoado. O chefe Delgado adiantando-se no momento em que sahiam os liberaes do seu esconderijo, recebeu um tiro que lançou por terra o cavallo que montava. Entregou-se portanto aos que o perseguiam. Estes porém, não respeitando a posição do prisioneiro, fizeram-lhe uma descarga, deixando-o morto e crivado de balas!!!

Que bellasas!!!

Londres, dia de S. Sebastião

(A' redacção do «Commercio do Minho»)

A minha seguinte carta ao «Apostolo» merece ser lida, sobretudo pelos dois principaes assumptos; 1.º a ideia que dá das divisões e disputas protestantes, e dos esforços, que o Anglicanismo faz para ver se fórma uma forte massa de «christãos», não importa de que qualidade e cor, com que venha afrontar a Igreja Catholica. Ao mesmo tempo, como os homens sérios e conscienciosos, qual é certamente o dr. Pusey, repugnam a sancionar com sua adhesão similhante sistema.

Em segundo lugar, convém que se saibam e ponderem mais as duas provas e revelações, dadas por testemunha competente; das amabilidades da maçonaria, e de seu pouco escrupulo a dispor da vida dos homens.

N'um papel de Bayona, sério e geralmente bem informado, lê-se o seguinte, em data de 12 do corrente; bem que a data seja um tanto atrazada, como não vi o facto em nenhum outro papel, e o mesmo é de importancia, aqui o transcrevo, com as breves reflexões que lhe faz a folha franceza:

«Um deputado legitimista transmitiu a D. Carlos o telegramma seguinte, que será lido com interesse:

«As tropas affonsinas não passaram pelo territorio francez. O Marechal o declarou formalmente; ninguém é auctorizado a duvidar da sua palavra. Póde publicar-se o presente despacho.»

«O mundo catholico», (acrescenta o jornal) não esperava outra cousa da lealdade do Marechal de Mac-Mahon. Não é a elle que podem ser imputados os erros commettidos pelo governo francez em relação á politica hispanhola, mas sim a esses ministros fataes, ou se chamem de Broglie ou Decazes, que, depois de ter trabalhado com todas as suas forças para a ruina das esperanças monarchicas, não sabem como hão de fazer para se metterem no Senado creado por elles.»

A França, onde proverbialmente se diz que o *ridículo mata*, parece, na verdade, estar para morrer, ou já morta, d'essa mazela! Senão digam-me: Ha cousa mais ridicula que uma «republica» onde o presidente da camara era um *duque*; o Ministro dos Estrangeiros hoje mesmo outro *duque*; o mesmo de Broglie, que ministro foi, outro *duque*; e onde a assembleia «republicana» estava caibrada d'outros *duques*, *duzias de marqueses*, *condes*, *viscondes*, etc.! Por outra parte, os *republicanos* são patriotas taes, que insistem pela republica, que Bismark declarou de-sejar em França, para a ter fraca e abatida!!

A. R. SARAIVA.

A' redacção do «Apostolo».

Londres, 9 de janeiro de 1876.

I. — Encontrei no «Times» de 28 de dezembro ultimo um curiosissimo, e direi mesmo importantissimo, documento sob certo aspecto, que não quero deixar sem sobre elle chamar a attenção dos leitores do «Apostolo» tanto mais, que é d'aquellas cousas importantes e significativas que passam, frequentemente, sem d'ellas se fazer caso, não obstante o muito que merecem. E' uma carta, assás extensa, do celebre doutor Pusey, lente de Hebraico na Universidade d'Oxford, protestante a seu modo, e tenaz em seu protestantismo, e que, ao mesmo tempo, tem feito o maior serviço, talvez, que n'este seculo se prestou ao Catholicismo.

A este doutor principalmente se deve o ter-se erguido, em 1832 e 1833, a cele-

Y.

bre escola que desde logo tomou o seu nome (*Puseyistas*), e o conservou por muitos annos, passando hoje pelo de *Ritualistas*; e que, desde seu nascimento, tem feito passar do Anglicanismo ao Catholicismo, perto, se não mais, de mil indivíduos do clero Protestante Anglicano (e com pouquíssimas excepções dos melhores em talento, sciencia, e moral) para o gremio e serviço da Igreja Catholica. E contudo, parece, ou antes é, misterio curioso, e onde não pode deixar de ver-se especial designio Providencial que o homem a quem se deve em grande parte movimento e acontecimento tão milagroso, tenha elle proprio mantido-se fóra do gremio da verdadeira Igreja!

Lembra-me, que o pio e rev.<sup>o</sup> Spencer, o primeiro clérigo protestante que aqui se passou á verdadeira Igreja em 1829 (sendo, logo depois, seu irmão, lord Althorpe, leito ministro da fazenda—ou *Chancellor do Exchequer*, como cá se designa o cargo), andou, depois da sua conversão pedindo pela Europa orações para conversão de Inglaterra. Desde então temos visto o facto patente e patmoso, que acima apontei, das centenas de clérigos protestantes—dos melhores e mais doutos—que tem vindo para as fileiras catholicas. Ao menos por gratidão, além da caridade, nós catholicos devemos pedir a Deus pela conversão cabal do doutor Pusey, de cuja carta mencionada vou fallar.

Para se comprehender bem a verdadeira importancia do documento porém, convém recordar, que alguns, e muitos, e importantes membros da chamada Igreja Anglicana, em sua inveja e rancor contra a grandeza cosmopolita da verdadeira Igreja Catholica e Romana, tem procurado por varias maneiras aggregar ao Anglicanismo quantas seitas, mais assim ou mais assado, por esse mundo se chamam «cristãs»; para então, quando podessem apresentar um consideravel numero de *christãos furta-côres* nos dizerem triunfantes. «E agora?»

Com esse fim, aqui fizeram vir, pelo tempo do nosso ultimo Concilio, uma bispalhada de varias côres e opiniões, dos Estados-Unidos, das Colonias Inglesas, etc., que se reuniram em casa do «arcebispo de Canterbury, e alli discutiram (isto é confirmaram) suas divergencias, n'um salão, enquanto o outro *Madama Arcebispa* de Canterbury com as outras preladas, esposas dos outros *Padres do Concilio* (muitas das quaes tinham vindo acompanhar os clericos maridos), discutiam as ultimas modas francesas, e os refrescos abundantes que não faltavam no palacio archiepiscopal de Lambeth.

O tal *Concilio* ou conciliabulo todavia, deu de tal sorte em agoa de malvas, que ninguem fez caso d'elle; e, peor do que isso, das folhas protestantes mesmo, aqui, umas guardaram silencio envergonhado sobre a tal exhibição ecclesiastica; e outras tomaram a liberdade de zombar e rir-se d'ella sem o minimo remorso ou cerimonia.

Aqui ha dois ou tres annos, se bem me lembro, (a data exata é de menor importancia, e por isso não perco tempo em ir verificá-la), apresentou-se um chamado *Arcebispo* de Syria, Grego Scismatico, com seu capellão ou acolytho, trazendo sua mitra, vestimentos, báculo, etc. O arcebispo de York, e outros prelados anglicanos, deleitaram-se com a visita; não houve festa que lhe não fizessem; officiou pontificalmente em suas egrejas e cathedraes, apesar das differenças doutrinaes e theologicas entre as duas seitas; não fez isso objecção, fraternizou-se completamente, bastou que se concordasse no *dogma* fundamental protestante—*Guerra ao Papa e ao Catholicismo*.

Quando ultimamente fizeram em Allemanha (não me occorre agora o nome do lugar), sob a presidencia do celebre Dollinger, um congresso dos *novissimos* «evangelhos catholicos» allemães; e lá vieram gregos e americanos scismaticos, e até judeus, além dos protestantes de todas as côres de que a familia abunda lá por fóra, lá foram tambem varios anglicanos de importancia, até um ou dois «bispos»; e lá oraram e discorreram sobre a conveniencia de reunir e combinar todo quanto, com mais ou menos direito, se chame *christão*, contra aquelle formidavel inimigo irreconciliavel de todas as heresias, o Papa de Roma. Até me parece que o proprio doutor Pusey foi assistir á tal feira; mas o caso é, que depois de muito falatorio, muita congratulação pelo ajuntamento brilhante, e *variado* sobretudo, dissolveu-se e despediu-se afinal a assembleia sem nada concluir de importante. Concluindo-se,

d'ella, todavia a impossibilidade de achar ou fundar accordo verdadeiro, e unidade religiosa de creença, fóra da Igreja Catholica, Apostolica Romana, a que, por graça de Deus, temos a fortuna de pertencer.

(Continúa)

A. R. SARAIVA.

### União do clero.

#### VII

Vamos concluir, e não é sem tempo, pois que talvez estes artigos vão já longe em demasia.

A importancia porém do assumpto exigia o espaço que tomamos; e esta mesma importancia nos obriga tambem, ainda que com grande repugnancia da nossa parte, a occuparmo-nos hoje de uma outra causa da desunião do clero.

Mas que se entenda, que no que imos escrever, como em tudo, quanto deixamos escripto, temos mais em vista prevenir o que pôde acontecer, do que condemnar o que não sabemos se acontece.

Ninguem dirá por certo, a não ser alguém mal intencionado, que quando um amigo pede a outro, que fuja do precipicio, o accuse por isso mesmo de se ter deixado cair n'elle.

O nosso fim tambem é unicamente precaver o clero contra tudo quanto possa ser-lhe motivo de desgraça e ruína; mas nunca jámais accusal-o, o que os nossos sentimentos de catholico, e a afeição que lhe votamos não consentiriam lhe fizessemos.

Assim pois entenda-se bem; fallamos do que pôde ser, sem que tenhamos motivos bastantes para que possamos afirmar que na sua generalidade o seja.

E quem duvidará de que nos largos limites d'esta possibilidade tenha ainda lugar a *simonia*?

A simonia! é tão abjecta a idéa traduzida n'esta palavra, que só o pronuncial-a, causa tédio.

Não pretendemos desenvolver agora a historia d'este vicio hediondo, nem mencionar as penas gravissimas com que a Igreja sempre o fulminou.

Conchegando-nos ao que constitue o objecto principal d'este artigo, diremos apenas, que a simonia traz sempre consigo, como uma das suas funestissimas consequencias, a desharmonia e consequentemente a desunião entre o clero.

E de feito, que cordealidade pôde haver n'uma classe, quando os seus membros são classificados em suas pretensões, não pelos seus verdadeiros meritos, mas pelo que cada um dá, ou val politicamente?

O sacerdote, que, encanecido no serviço de Deus e da Igreja, se vê preferido por um outro, unicamente recommendavel pelo seu dinheiro ou pelo numero de votos de que pôde dispôr n'umas eleições, não se sentirá justamente escandalizado d'este seu collega, que para o vencer na legitima opposição que lhe fazia, poz em almooada um beneficio ecclesiastico?

E sendo a politica um meio para o provimento das egrejas, por certo que tanto bastará, para que o clero, lançando-se nas luctas partidarias, se hostilise mutuamente, com a esperanza que cada um nutre de assim obter melhor acolhimento ás suas aspirações.

Mas não é só isso. O ecclesiastico, que por taes modos procura attingir á realidade de um provimento, lança sobre si uma nodoa, que os inimigos do clero procuram depois estender a toda a classe.

E esta por sem duvida que não pôde othar com bons olhos aquelle, que assim deu causa ao seu descredito.

A unica folha de serviços que ao clero é licito apresentar como documento justificativo das suas pretensões, é a do bom desempenho da sua missão sacerdotal.

Mundo com ella, confie-se o clero á justiça e imparcialidade do seu Prelado, unica auctoridade legitima, para avaliar da idoneidade de seus subditos, e verá quanto mais lacra, do que se tomasse os caminhos tortuosos da politica, das bajolações e do suborno, que nem ao menos são degrãos bastante firmes, para se chegar onde se deseja.

Deixemos ainda fallar o illustrado e eloquente escriptor, por nós já citado.

«Se o clero marcar valor ás coisas espirituaes, e quizer comprar os beneficios ecclesiasticos, o clero está perdido. O sacerdocio judaico desceu o ultimo degrão da sua desconsideração publica, e da sua

maior ruína, quando os aspirantes a elle offereceram sommas enormes aos importantes pagãos para o conseguirem, quando estes dominavam em Jerusalem: o sacerdocio heterodoxo está sem prestigio, por que as dignidades e beneficios da Igreja são como postos em almooada; e a Igreja Catholica, que tem sempre resistido victoriosamente aos sophismas dos philosophos, e ás perseguições dos tyrannos, á indifferença de muitos de seus filhos, e á má vontade de alguns governos, verá certamente perder a sua doce e benefica influencia; verá perder o respeito do seu culto; verá acabada a união entre os seus ministros; verá a mais triste desconsideração do seu sacerdocio; verá approximar-se dias ainda de maior tristeza e amargura para elle, se o monstro da simonia continuá a fazer seus estragos!»

Temos concluido; mas antes que ponhamos o ponto final, seja-nos licito pedir ao clero, para quem unicamente escrevemos, que reflecta um momento n'essas linhas, que só para bem e utilidade do mesmo clero escrevemos.

E pois que já de bastantes pessoas, tanto ecclesiasticas como leigas, temos recebido provas inequivocas de sympathia pelos escriptos que agora terminamos, permita-se-nos que a todos endereçemos d'aqui os nossos sinceros agradecimentos.

Ao zelozissimo Prelado d'esta archidiocese, sobre tudo eu desejo manifestar o meu sincero reconhecimento pelas saudaveis advertencias, que se dignou fazer-me, e que bem provam o entranhado affecto que em seu bondoso coração nutre pelo clero.

E ao valente campeão da Igreja e strenuo propugnador de seus direitos, o sr. Bernardino de Senna Freitas, igualmente eu quero testemunhar aqui a minha gratidão pela benevolencia da sua carta, que sobre o assumpto se dignou escrever-me.

Que se me releve o fazer menção n'este logar d'estas manifestações de agrado que recebi, pois julgo serem ellas, ao mesmo tempo que um argumento em favor do que expendi, uma boa resposta dada a certos espiritos pouco reflectidos ou mal intencionados.

M. MARINHO.

(Semana Religiosa).

### LIVROS E IMPRESSOS

A CARTA E O HOMEM DA CARTA—ANALYSE CRITICA DA MISSIVA DIRIGIDA PELO SR. A. ENNES AO SR. CONSELHEIRO CARDOSO DE MENEZES, DIGNISSIMO PRESIDENTE DO CONSERVATORIO DRAMATICO DO RIO DE JANEIRO. Pela padre Senna Freitas.

Não nos alargaremos em encarecimentos superfluos para aguçar a curiosidade do leitor catholico, pois basta a despertá-a o nome do sr. padre Senna Freitas. Quizeramos, sim, ter o condão de fazer introduzir este opusculo no gabinete de certos frequentadores de theatros, que tanto se extasiam perante o olimpico sr. A. Ennes. É a uns e outros diriamos: vêde como, á voz poderosa da verdade, vingada por um dos seus mais habéis paladinos, o vosso idolo amostro os pés de barro.

Com effeito é o que o sr. padre Senna Freitas mais uma vez consegue no opusculo — *A carta e o homem da carta*.

Pobre sr. Ennes! Elle lá está, lá se encherge a traveza das malhas da rede que a logica laboriosa, a espaoça ajudada pelo senso commum, lhe teceu... Mas tão depennadinho que mette dó, ainda aos mais descaroaveis! Pois até a intrepida da grammatica lhe armou cilada, a elle, ao mestre, que chancia da redacção do documento emanado do Conservatorio, prohibindo a representação dos «Lazaristas»!

E' realmente estar em monção de mui negra infelicidade. Devemos, pois, confessar que o padre Senna Freitas é d'uma crueldade escandalosa, e não deveria despartar o sr. Ennes do somno gostado sobre o montão de loiros, que os «Lazaristas» do sobredito ceifaram e ceifarão, como é dos livros...

Visto que os leitores já podem avaliar o assumpto do volume de que vimos fallando, resta-nos dizer que este trabalho não desmente os creditos justamente adquiridos pelo esclarecido escriptor padre Senna Freitas, em varias produções que tem dado á estampa, antes os robustece e augmenta.

O annuncio vai no logar proprio. Antes de passarmos adiante vamos fazer uma pequena observação.

Não suspeitem que nas humildes apre-

ciações que, *corrente calamo*, temos feito n'esta secção, nos deixamos cegar pela amizade ou sympathia que votemos a este e áquelle auctor. N'este pequeno recinto não crepita o incenso da lisonja,—iria corromper o suavissimo perfume exhalado do ramilhete de nomes queridos que ahí se entrelaçam.

Não, n'este logar conhecemos o escriptor pelos seus escriptos, e unicamente pelos seus escriptos. Que nos façam justiça.

—PORTUGAL ANTIGO E MODERNO. DICCIONARIO GEOGRAFICO, ESTADISTICO, CHOROGRAFICO, HERALDICO, ARCHIOLOGICO, COROGRAFICO E ETIMOLOGICO DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL—por Augusto Soares d'azevedo Barbosa de Pinho Leal.

Distribuiu-se o fasciculo n.º 91 d'este diccionario, que sempre temos dito ser uma das obras mais importantes e curiosas que se tem publicado n'este paiz.

Contém as folhas 19 e 20 do volume VII e encerra interessantes descripções e noticias sob as letras *Ora* até *Our*.

—O DOURO ILLUSTRADO—redigido pelo visconde de Villa Maior, reitor da Universidade de Coimbra.

Recebemos as cadernetas n.ºs 3 e 4 do *Douro Illustrado* cuja magnifica edição, como já dissemos, está sendo feita pelos srs. Magalhães & Moniz. Acompanha estas cadernetas duas bellas estampas representando *Roriz* e as *Baleiras*.

A publicação é feita com toda a regularidade.

## GAZETILHA

### SUBSCRIPÇÃO

E' digno de toda a attenção o barbaro exemplo que estão dando os liberaes affonsinos contra os prisioneiros carlistas.

Em casa do sr. Manoel José Vieira da Rocha, rua do Souto, se recebem todas as esmolmas com que as almas compassivas queiram minorar o estado triste d'aquellas victimas da santa causa da religião e do direito.

Transporte	7\$250
Uma anonima d'esta cidade	2\$250
Custodia Rodrigues da Costa, de Saramil	500
Um anonimo de Braga	500
P. <sup>o</sup> Francisco Alves Morgado, de Espozenda	2\$000
Um anonimo d'esta cidade	440

Somma 12\$940

**Fabrica de papel em Ruões.**—Fizeram-se ante-hontem os ensaios d'alguns mecanismos da nova fabrica de papel que outrora pertencia ao exm.<sup>o</sup> visconde de Ruões e hoje a uma companhia, de que este cavalheiro e seu sobrinho, o sr. Eduardo Luiz Ferreira Carmo, são dos principaes accionistas.

Estreiraram-se os fornos para a machina a vapor, e a corvina, cujos volantes foram lançados a diferentes rodas que fizeram trabalhar alguns cylindros de lmpesa do trapo, nas respectivas balsas, o qual passou para a operação de massa.

A agoa era repuxada com muita força, tanto para o serviço das balsas, como para o deposito, que fica a grande altura e bastante distancia.

Assistiram a este ensaio o incançavel director da companhia, o exm.<sup>o</sup> visconde de Fragozella, o engenheiro da mesma, director das obras publicas e varios cavalheiros d'esta cidade e da do Porto, aos quaes o exm.<sup>o</sup> visconde de Ruões deu um lauto e variado jantar.

O habil e distincto engenheiro, o sr. Smith, que tem feito adiantar as obras com intelligencia e segurança dignas de todo o elogio, promete que este estabelecimento fabril, o melhor e mais custoso do districto e um dos principaes do reino, poderá funcionar definitivamente dentro em seis ou oito mezes.

Seria muito para desejar que a nossa camara procurasse ligar a fabrica de Ruões com a estrada d'esta cidade a Ponte do Lima, o que, além de não ser mui dispendioso, era de grande utilidade para o publico.

**Anedoctas.**—A um rico capitalista perguntou um seu amigo:

—Quantos annos tem?  
 —Não lh'o posso dizer com certeza; respondeu o interrogado.  
 —E' possível que não saiba a idade que tem?  
 —Sim, senhor, muito possível: eu conto o meu dinheiro, porém nunca dou balanço aos meus annos, porque estou convicto que não hei de perder nenhum; nem haverá quem m'os roube.  
 —A um rapaz que estava guardando umas cabras pergontou um viajante:  
 —Aonde vae ter este caminho?  
 —Este caminho não vae, está quieto.  
 —Como te chamam?  
 —Era o que faltava chamar-me a mim mesmo. Os outros é que me chamam.  
 Zangado o viajante com estas respostas despediu-se do rapaz dizendo-lhe:  
 —Adeus, filho do diabo.  
 —Adeus, meu pae.

**Fallecimentos.**—Falleceu no sabbado passado o sr. padre Antonio Joaquim da Silva Ferreirinha, mestre da capella da Sé. Contava 81 annos d'idade.  
 —Falleceu tambem a sr.<sup>a</sup> D. Anna Joaquina Gomes Lopes, esposa do proprietario e honrado negociante da rua dos Chãos, o sr. João Baptista Lopes. Teve hontem pomposos officios, sendo depois conduzida para o cemiterio, acompanhada por grande numero de carros. Tinha 47 annos de idade.

**O episcopado hispanhol e a liberdade de cultos.**—A maioria dos prelados hispanhoes tem mandado publicar pastoraes, marcando a conducta que o clero e fiéis das suas respectivas dioceses deve seguir nas proximas eleições das camaras de deputados.

O sr. arcebispo de Valencia, respondendo a varias perguntas que lhe fizeram sobre a conducta que devem seguir os catholicos nas proximas eleições, exprime-se da seguinte maneira:

«E' com razão que o Pontífice romano, mestre infallivel em religião e em moral para todos os catholicos, condemnou a liberdade de cultos nas proposições 77, 78 e 79 do Syllabus, que muito bem conheceis.

Nós respondemos ás vossas perguntas que, segundo entendemos, os catholicos não devem votar pela liberdade de cultos; nem mesmo pela sua tolerancia; que não devem dar os seus votos, a candidatos que não professam estes sentimentos, que no interesse do catholicismo, devem trabalhar por todos os meios licitos e honestos para que todos aquellos que se sentarem nas côrtes, quaesquer que sejam suas convicções politicas, estejam decididos a sustentar a unidade religiosa, porque todo o verdadeiro catholico não poderá obrar de outro modo. E se, para conduzir esta exotica e desgraçada liberdade, qualquer potencia estrangeira procurasse impor a sua vontade á Hispanha, não se deve perder de vista que isto seria para interesse dos estrangeiros e não nosso, e que a nossa dignidade, a nossa independencia, e o nosso nome hispanhol protestam e se revoltam contra semelhantes exigencias, nas quaes não acreditamos».

**Curiosidade.**—No departamento francez da Haute Loire o maire d'um pequeno municipio mandou affixar um edital cujos texto e orthografia são dignos de attenção. diz o «J. da Noite».

Diz assim:  
 «Le maire de la commune de X... prévient ses habitants que tous ceux qui ont des chiens out des chiennes il faut qu'il soient muselés, sans quoi il sera jeté de la poison dans les rues, dedans des saucisses et il prévient que si les chiens ou chiennes ne mangent pas lesdits saucisses les habitants pourront les manger pour pas que ça se perde, en coupant le côté droit des saucisses, là ou ce qui est ladite poison sans quoi y pourrait s'empoisonner.»

Aos nossos leitores a quem seja estranha a lingua franceza basta saber que o tal maire mandava pôr mordagens nos cães e nas cadelles, prevenindo os donos de que a não cumprirem a ordem, se lançaria nas ruas veneno dentro de chouriços, acrescentando que, no caso de os não comerem os cães, os poderiam comer os moradores cortando-lhes o lado direito onde estava o veneno.

Cá e lá mais fadas ha.  
**As medalhas.**—As medalhas foram inventadas, para celebrar factos memoraveis e importantes e para honrar nomes illostrés. Os metaes mais geralmente empregados no seu fabrico são o ouro, a prata, platina, cobre, bronze, chumbo e estanho. Chama-se *averso* a face em que está gravado o objecto da commemoração; *verso* a

parte opposta; legenda as inscripções, e symbolo os emblemas accessorios.

As mais antigas medalhas de qua ha memoria são as de Gélon, rei da Syracusa, 478 annos antes de Jesus Christo, e de Alexandre I, rei da Macedonia, 454 annos antes da era christã. As mais bellas medalhas da Grecia são da epocha de Alexandre, e as de Roma, do seculo de Augusto. Na idade media esta arte chegou a grande decadencia, mas reviveu com muito esplendor nos seculos XV e XVI, principalmente na Italia. Esta industria tem progredido muito com os aperfeiçoamentos da arte da gravura. As leis francesas não permitem o fabrico das medalhas «enão na casa da moeda».

**Incendio.**—Referem os jornaes americanos que ficou reduzido a cinzas, em consequencia de um incendio, o estabelecimento da companhia de machinas de costura Wheeler & Wilson, em East Bridgefort (Connecticut).

**Temporal.**—Dizem do Funchal que nos primeiros dias do passado houve grande temporal n'aquella cidade, causando bastantes prejuizos á agricultura e alguns ás obras publicas.

No porto quebraram-se as amarrações da maior parte dos navios n'elle surtos; e alguns foram á costa: uma lancha de vapor fez da quilha portaló. Tambem ha noticias de n'outras costas do litoral da ilha se haverem perdido outros vasos; felizmente, porém, não ha perda de vidas.

**Estatisticas.**—Desde 4 de setembro de 1870 tem havido em Franca: 5 vice-presidentes de conselho de ministros, 18 ministros do interior, sendo 5 interinos, 6 ministros da justiça, 1 ministro dos cultos, 7 ministros da fzenia, 6 ministros de instrucção publica, cultos e bellas artes, 4 ministros dos estrangeiros, 6 ministros da guerra, sendo 1 interino, 8 ministros de obras publicas, 1 interino, e 9 ministros da agricultura e commercio.

—No estado de Now York ha 109 pessoas, de 100 annos para cima.

D'estes 109, nasceram 35 nos Estados Unidos, 2 nas Indias orientaes, 1 na Escocia, 1 na Hespanha, 1 no mar, 1 na Inglaterra, 6 no Canadá, e 40 na Irlanda; as 20 restantes não se lembram onde nasceram.

**Um como ha muitos.**—Um quidam que exaggerava solemnemente a antiguidade dos seus pergaminhos, dizia a quem quoria ouvir-o que era da mais antiga lanchagem.

—Os seus antepassados estiveram nas cruzadas? perguntou-lhe alguem.

—Não, respondeu elle com altivez, não estiveram porque eram protestantes!

**Quem não dança onde traz os pés?**—Tens dançado muito, amigo, perguntava um apaixonado da walsa a outro que o não era menos.

—Assim, assim. Depois d'aquella noite que passámos em casa de F., apenas dancei duas vezes.

—Pois eu, lhe volta o outro, ainda tenho sido mais infeliz, porque desde essa noite em que fallas, só dancei o outro dia uma walsa com minha irmã, e depois d'isso não tornei mais a pôr os pés no chão.

#### TELEGRAMMAS

Demos em suplemento para os assignantes da cidade os seguintes telegrammas que nos enviou o nosso correspondente de Madrid.

**MADRID, 27.**  
**Romperam-se hontem as hostilidades, havendo fogo geral violentissimo nas linhas de S. Sebastião.**

Os carlistas occupam as suas fortes posições principaes, os liberaes as intermediarias de Hernani, Lazarte e Oyarzum.

Sobre Hernani houve um vovissimo ataque.

As posições principaes teem sido mantidas por ambos os lados.

Mortandade consideravel. Continua o combate.

**MADRID, 29.**  
 Quesada saiu de Vitoria para atacar os carlistas.

Moriones retirou sobre Guetaria, occupando Garate.

Os affonsinos não poderam avançar.

Os carlistas sustentam as posições da Guipuzcoa na linha de Valmaseda.

Loma retirou.

Duas cargas á bayoneta repe-

liram os affonsinos até ás alturas de S. Miguel.

Os carlistas romperam as linhas da Byscaia por Berron.

Circulam noticias exageradas e infundadas.

#### EXPEDIENTE DA ADMINISTRAÇÃO.

Temos recebido varias cartas de nossos assignantes, nas quaes uns se queixam de não terem recebido os recibos de quantias que nos tem enviado, e outros ignoram o debito da assignatura, por terem entregue quantias a alguns de nossos correspondentes, que o eram do «Futuro», e dos quaes não recebemos as notas para a competente descarga. Porisso vamos começar a publicar o nome dos cavalheiros, cujas assignaturas estão pagas, e esperamos que nos continuarão a prestar a sua dedicada coadjuvação, servindo isto tambem de estímulo para os sr. assignantes que se acham em divida, e de aviso aos que satisfizeram aos correspondentes acima referidos.

**Amares.**—Francisco Antonio da Cunha, até 31 de dezembro de 1875.

**Bragança.**—Padre Manoel dos Santos Cordeiro, até 23 de novembro de 1875.

**Coura.**—Dr. José Joaquim d'Antas Baccellar, até 31 de dezembro de 1876.

**Evora.**—Beneficiado J. J. Marques de Resende, até 31 de dezembro 1876.

**Faro.**—Padre Antonio José dos Reis, até 31 de dezembro de 1876.

**Lisboa.**—Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Bispo Commissario da Bulla da Cruzada, até 30 de junho de 1876.

**Lanhoso.**—Manoel Antonio Vieira Martins, até 20 de outubro de 1876.

—Antonio J. de Carvalho e Mello, até 30 de Março de 1876.

—Bento José d'Almeida, até 22 d'abril de 1876.

**Loanda.**—Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Bispo de Angola, até 30 de junho de 1877.

**Mirandella.**—Manoel Ignacio Machado de Moraes, até 15 de fevereiro de 1876.

**Mertola.**—Joaquim José Maria Lopes, até 30 de junho de 1876.

**Mogadouro.**—Reitor de Vimioso, até 13 de fevereiro de 1876.

**Monção.**—Manoel Affonso Pinheiro, até 21 de junho de 1876.

—Reitor de Taegil, até 31 de dezembro de 1875.

—Padre Manoel Antonio Rodrigues, até 29 de outubro de 1876.

**Melgaço.**—Dr. Antonio Augusto de Sousa Menezes, até 31 de dezembro de 1875.

**Moncorvo.**—Manoel Antonio Carneiro de Magalhães, até 31 de dezembro de 1875.

**Ovar.**—Antonio d'Oliveira Martins, até 19 de Março de 1876.

—Antonio de Sá Freire Valente, até 19 de março de 1876.

—Padre Francisco Dias, até 31 de dezembro de 1875.

**Obidos.**—José Theodoro Correa Batalha até 31 de dezembro de 1876.

**Porto.**—Manoel Theotonio Ribeiro Vieira, de Castro Mosteiró, até 31 de janeiro 1876.

—D. Antonio da Natividade, até 30 de setembro de 1876.

—D. Maria da Gloria Pinto Pizarro, até 31 de dezembro de 1876.

**Peso da Regoa.**—Antonio C. Vaz Pereira, até 30 de junho de 1876.

**Pinhel.**—João Ignacio Carrapatoso, até 31 de dezembro de 1876.

**P. de Varzim.**—Fr. Sebastião de S. Luiz, até 31 de dezembro de 1876.

—Abade de Thouguinhó, até 10 de junho de 1876.

**Prado.**—Manoel José Fernandes d'Almeida, até 4 de janeiro de 1876.

—Luiz Alberto Soares de Souza Lima, até 30 de janeiro de 1876.

—Antonio Joaquim da Rocha Moreira, até 31 de dezembro 1875.

**Ponte do Lima.**—D. Antonio Telmo Menezes Montenegro, até 19 de Março de 1876.

**Pico de Regalado.**—Padre J. F. Sousa Machado, até 31 de dezembro de 1875.

—Reitor de S. Christovão, até 31 de dezembro de 1875.

**Penedo.**—Padre Antonio Joaquim M. Antunes, até 30 de junho de 1876.

**Rio de Janeiro.**—Gabinete Portuguez de Leitura, até 31 de dezembro de 1875.

—Manoel Gonçalves Salgado Braga, até 31 de Março de 1876.

**Rossas.**—Antonio Pereira dos Santos, até 18 de maio de 1876.

—Manoel José Vieira, até 22 de maio de 1876.

—Abade Antonio J. Gonçalves Lima, até 30 de junho de 1876.

**Rendufe.**—Antonio Luiz Gomes, até 31 de dezembro de 1876.

**Santa Martha de Bouro.**—Custodio Manoel Parada, até 31 de dezembro de 1875.

—Parocho de Saramil, até 21 de março de 1876.

—Padre Manoel Antonio Fernandes, até 31 de janeiro de 1876.

**Terras de Bouro.**—Padre Jeronymo José Gonçalves, até 27 de janeiro de 1876.

—Abade João Manoel Martins, até 31 de dezembro de 1875.

**Thomar.**—José Antonio Falcão, até 30 de junho de 1876.

**Villa Real.**—Padre Antonio Emigdio, até 10 de janeiro de 1876.

—Antonio José Fernandes Affonso, até 19 de julho de 1875.

**Valença.**—Fr. João dos Desposorios de N. Senhora, até 10 de setembro de 1876.

**Vianna.**—Padre Francisco Pereira de Castro e Silva, até 30 de Junho de 1876.

—José da Costa Barreto Alpoim e Neves, até 19 de setembro de 1875.

Abade de Capareiros, até 31 de dezembro de 1875.

**Vieira.**—Bernardo Xavier Vieira d'Azvedo, até 19 de novembro de 1875.

—Abade de Ventosa, até 21 outubro de 1876

**Villa Verde.**—Domingos Antonio d'Araujo, até 20 de novembro de 1875.

—Abade de Pedregaes, até 31 de dezembro de 1875.

**Taipas.**—Padre Bento José Rodrigues, até 7 junho de 1876.

—Januario Luiz Pereira da Silva, até 30 de maio de 1876.

## THEATRO

DE

# S. GERALDO

## QUARTA-FEIRA 2 DE FEVEREIRO BAILE DE MASCARAS

Está desde já aberta uma assignatura de camarotes de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> ordem nas seguintes condições:

Desde quarta-feira 2, até terça-feira de Carnaval—ou 10 bailes, \$3000 rs.

Desde domingo Magro inclusivé, até terça-feira de Carnaval—ou 4 bailes, réis 65000.

#### Avulso

Camarotes de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> ordem, desde quarta-feira 2, até domingo Magro, exclusivé, 15000 réis.

Desde domingo Magro inclusivé até terça-feira de Carnaval, 25000 réis.

A empresa apresentará pela segunda vez n'esta cidade no domingo e segunda de Carnaval, as apparatusas e mui applaudidas quadrilhas infernaes, não se poupando a despesas para que sejam executadas o mais brilhantemente possiveis.

Damas decentemente mascaradas tem entrada gratis até ás 9 horas.

Principia ás 8 horas.

## AGRADECIMENTOS

João Luiz Pipa e sua mulher D. Anna Casimira d'Oliveira Braga, Joaquim José da Silva Pipa, e sua mulher D. Emilia Candida Ferreira, não podendo agradecer pessoalmente como desejavam a todas as exc.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> e ill.<sup>mos</sup> e exc.<sup>mos</sup> sr.<sup>s</sup> que se dignaram cumprimental-os, por occasião de fallecimento de sua muito presada irmã e cunhada D. Maria Julia dos Desamparados d'Almeida Pacheco, e bem assim a todas as pessoas que lhe fizeram a honra de assistir aos officios fonebres e acompanhar o cadaver até ao cemiterio publico, o fazem d'este modo, protestando a todos o seu mui profundo reconhecimento e sincera gratidão. E do mesmo modo agradecem aos mui revd.<sup>os</sup> sacerdotes que tiveram a bondade de dizer missa e assistir ao funeral gratuitamente.

(2934) (175)

# ANNUNCIOS

## CERTIDÃO

José Firmino da Costa Freitas, escrivão do tribunal do commercio de primeira instancia n'esta cidade de Braga e seu districto, por sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Luiz, que Deus guarde, etc. Certifico que no processo de fallencia de Esteves e Filhos, negociante que foi na Villa dos Arcos de Val-de-Vez, profetiu o tribunal a seguinte

### Sentença

O tribunal Commercial d'este districto etc. Visto o requerimento de folhas e documentos a elle juntos em que o requerente Manoel Maria d'Araujo Pinto, allega que o réo Esteves e filho, da villa dos Arcos de Val-de-Vez, não satisfez as suas obrigações, sessando pagamentos e tetras que lhe foram apresentadas, declara o mesmo em estado de quebra desde o dia doze do corrente mez, conforme dispõem os artigos do Cod. Com. 1123, 1125, 1130 e 1131. Nomeia para juiz commissario o jurado José Antonio de Faria, e para curador fiscal provisório Manoel José d'Abreu, d'esta cidade, que será intimado para prestar juramento e entrar no exercicio das funções do seu cargo: ordena que sem perda de tempo se ponham os sellos na conformidade do disposto no citado Codigo, artigos 1155 e 1158, expedidas para esse fim as ordens necessarias, devendo affixar-se a presente sentença por certidão, e se publique como é de lei. Braga 28 de janeiro de 1876.

Ayres Frederico de Castro e Solla  
Antonio José Pereira  
José Antonio de Faria  
Domingos Pereira d'Azevedo  
José Antonio Ferreira Braga.

Está conforme o original.

Braga 29 de janeiro de 1876.

O escrivão do Tribunal Commercial  
(2948) José Firmino da Costa Freitas.

## FEIRA DE MARÇO EM AVEIRO

Por ordem da Camara Municipal do concelho de Aveiro, se faz publico que todos os negociantes, que quizerem concorrer á dita feira, farão ao arrematante do abarracamento, Manoel Antonio Loureiro de Mesquita, até ao dia 15 de fevereiro futuro, a necessaria requisição da barraca, designando os lanços que pertendem, sob pena de que o não fazendo até ao indicado dia não póde o mesmo arrematante ser obrigado a fazel-as.

Secretaria da camara municipal de Aveiro, 29 de janeiro de 1876.

### O ESCRIVÃO DA CAMARA

Paulino Aprigio Pereira Mendes  
(2949)  
Rua Nova de Sousa n.º 5.

José Antonio Gomes Ferreira, successor do LOUREIRO, tem grande porção de latão e cobre velho proprio para fundição, que vende por preço barato.  
(2951)

### PREVENÇÃO

Antonio Joaquim Correia d'Araujo, declina de si a responsabilidade dos actos de Adelino Augusto Alves Ferreira que deixou de ser seu caixeiro, desde o dia 22 do corrente.

Braga 24 de janeiro de 1876. (2942)

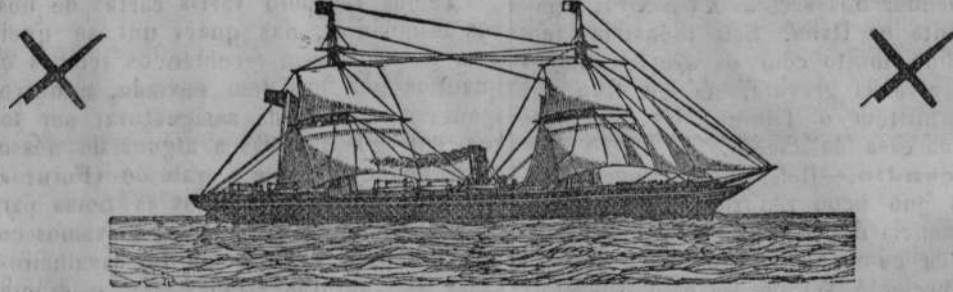
Em 13



Em 28

## MALA REAL INGLEZA

(INCORPORADA POR CARTA REAL)



LINHA QUINZENAL DE PAQUETES A VAPOR

Para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Acceptando tambem passageiros de 3.ª classe para SANTOS e RIO GRANDE DO SUL com trasbordo no Rio de Janeiro

PAQUETES A SAIR DE LISBOA

ELBE . . . . .	13 de Fevereiro	GUADIANA . . . . .	28 de Março
MINHO. . . . .	28 de Fevereiro	DOURO. . . . .	13 de Abril
NEVA . . . . .	13 de Março	MONDEGO. . . . .	28 de Abril

PREÇOS COMMODOS

Cada paquete d'esta companhia leva a bordo criados e cosinheiros portugueses para commodida dos passageiros de todas as classes.

Sendo as passagens pagas na Agencia Central no Porto ou em qualquer Agencia provincial, a condução para Lisboa é por conta da Companhia.

A bordo os passageiros teem gratis cama, roupa de cama, comida feita por cosinheiros portugueses, vinho duas vezes por dia, assistencia medica, serviço de criados e outras despesas.

A EXPERIENCIA de mais que um quarto de seculo tem feito com que os paquetes d'esta companhia (a mais antiga na carreira do Brazil) sejam conhecidos pela regularidade, velocidade e segurança excepcional; além d'isso pela limpeza, boa ordem, bom tratamento e accomodações a bordo, e pelos melhoramentos mais modernos tanto para a hygiene como para a commodidade dos passageiros.

ISTO É COMPROVADO pela grande concorrência que teem de passageiros e pelos agradecimentos de mais de mil e cem passageiros d'entre elles feitos por escripta como consta de documentos archivados em varias agencias.

SÃO ESTES OS PAQUETES preferidos pelo Governo Inglez para a condução das suas malas do correio, e por este serviço recebe a companhia um importante subsidio.

TIVERAM ESTES PAQUETES a honra de conduzir Suas Magestades o Imperador e Imperatriz do Brazil, como tambem S. A. o Infante D. Augusto.

TODAS AS INFORMAÇÕES e bilhetes de passagem podem ser obtidos no PORTO na AGENCIA CENTRAL, rua dos Inglezes, 23; o agente GUILHERME C. TAIT; e nas provincias nas agencias e correspondencias estabelecidas em todas as principaes cidades e villas.

Agente em Braga o snr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto.

## VENDA DE TRENS

Bernardo José Pereira faz publico que vende a sua carreira que tem montada entre Braga e Guimarães e vice-versa, assim como vende mais tres carros desuporte e uma victoria. Além da dita carreira, vende mais 9 cavallos com os seus competentes arreios. Quem quizer comprar, dirija-se á rua das Aguas n.º 94.

Aluga-se até ao S. Miguel a casa n.º 91 sita na rua das Aguas, tem 2 andares, salas e cosinha em separada, com bons commodos para numerosa familia e tem baixos propios para armazem ou cocheira. Quem a pertender pode dirigir-se á mesma.

Braga 31 de Janeiro de 1876.

(2950) Bernardo José Pereira.

### PADRE SENNA FREITAS

## A CARTA

E

### O HOMEM DA CARTA

(Analyse critica da missiva dirigida pelo sr. Ennes ao sr. conselheiro Cardoso de Menezes, dignissimo presidente do conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro)

### OFFERECIDO

AO CONSERVATORIO DRAMATICO DO RIO DE JANEIRO

Está á venda no escriptorio da «Palavra», e na Livraria Portuense de Manoel Malheiro, rua do Almada, 121 a 123.

## BANCO MERCANTIL DE BRAGA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

São convidados os snrs. accionistas d'este Banco a realisarem a quinta e ultima prestação de 20 p. c. ou 10\$000 rs. por acção desde o dia 20 até 29 de fevereiro proximo, em Braga na sede do Banco, e no Porto na agencia Praça de D. Pedro n.º 22.

A este mesmo acto serão trocados os titulos provisionarios por um documento declarando cada snr. accionista se deseja as suas acções, ao portador, ou averbadas, devendo n'este ultimo caso indicar tambem o nome da pessoa ou pessoas a quem se deve fazer o averbamento.

Braga 26 de janeiro de 1876.

Pelo Banco Mercantil de Braga

Os directores

José Antonio Rebello da Silva  
João da Costa Palmeira  
(178) José Joaquim Lopes Cardoso.



Vende-se a quinta denominada da Togeira, sita no logar de Santa Tecla, da freguezia de S. Victor d'esta cidade.

Dão-se os esclarecimentos na rua do Souto, casa n.º 10. (177) (2946)

### LECCIONISTA

Um individuo competentemente habilitado offerece-se para leccionar Instrucção Primaria e Latinidade, por preços rasoa-veis.

Dirigir-se ás Palhotas, n.º 15.

### Venda de bens de raiz

Francisco José da Silva, morador no largo da Sé, n.º 1, d'esta cidade, vende o campo chamado da Codeceda, no logar do Bairro, freguezia de Ferreiros, que produz pão, vinho e matto, com seu estanca-rios e o campo chamado da Portella no logar da Sardinheira, na freguezia de Sequeira, que tambem produz pão, vinho e matto, e faceva com a estrada Nova. Esta venda é para pagamento de dividas a que as mesmas propriedades se acham hypothecadas, sendo pagas ao acto da escriptura de venda, os creditos pesam nas mesmas; e por isso póde-se contratar livremente com o anunciante a venda das mesmas propriedades, pois primeiro que tudo quer pagar a quem deve.

Braga 27 de janeiro de 1876.

(2935)

Francisco José da Silva.

### Banco Commercial, Agricola e Industrial de Villa Real

sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

A gerencia annuncia que em 26 do corrente começa o pagamento do dividendo do 2.º semestre do anno p. p., na rasão de 1\$750 rs. por acção; na sede do Banco em Villa Real, e nas suas agencias do mesmo no Porto, Braga, Vianna, Lisboa, Guarda, Vizeu, Guimarães, Caminha e Fafe.

O dividendo será pago somente em presença das acções definitivas.

Banco de Villa Real, em 24 de janeiro de 1876.

Os gerentes

João Pinto Ferreira

(2938)

Agostinho José da Costa.

## MESTRA

Offerece-se uma para casa particular. Quem pretender queira dirigir-se á redacção d'este jornal em carta fechada com as iniciais A. P. C. (2941)

### CHAPLARIA ALMEIDA

26—Rua do Souto—26

(Junto á rua de Jano)



Recebeu em gostos modernos um bom sortido de chapéus de seda e de feltro, para homem, menino e senhora. Bonnets em varios gostos,

para homem e meninos, que tudo vende mais barato que em qualquer outro estabelecimento.

Fabrica, concerta e põe na moda com perfeição, qualquer chapéo que esteja nas circunstancias. (2945)

Vende-se parte d'uma azenha, no rio Cavado. Trata-se na rua do Souto, 26.

### ATENÇÃO

Vende-se um moinho de moer á mão, em bom estado, moe toda a qualidade de pão. Quem pertender falle na rua de S. Barnabé n.º 18 em Braga. (2931)

### CARTÕES DE VISITA E DE CASAMENTO

Imprimem-se na «Livraria Catholica»

DE

Joaquim José Vieira da Rocha,

10—Rua do Souto—10

BRAGA.

Preços: cada cento impressão e cartão branco liso,—400, 440, 480, 550 e 650 rs. Ditos tarjados para luto, impressão e cartão,—700 e 750 rs. (2870)

### Nova fundição de ferro e metaes

De Antonio Germano Ferreirinha Travessa de S. João—Braga.

O proprietario d'esta officina funde toda a obra de ferro e metal, de qualquer tamanho e natureza que seja, assim como tambem faz memorias de ferro ou metal, tudo pelos preços do Porto, e com a maxima perfeição.